



Crônica da Cidade

SIBELE NEGROMONTE | sibelenegromonte.df@dabr.com.br

Lições de resiliência e esperança

Enquanto aguardava ser atendida na clínica de ortopedia, um senhor sentado à minha frente parecia apreensivo. Quando chamado pelo médico, entra no consultório apoiado em um par de muletas. Passados alguns minutos, sai da consulta e não se contém. Avisa em alto e bom som a todos que estão na sala de espera: "Estou muito feliz, recebi ótimas

notícias". Percebo que ele não está mais com a muleta.

Quando chega à minha vez de entrar na sala do especialista, vejo as muletas encostadas em um canto da parede. A felicidade do homem foi tanta, que ele deixou para trás o objeto que provavelmente foi seu companheiro por bastante tempo. Nesse momento, eu me identifiquei completamente com aquele desconhecido. Há um mês e meio, quando caí em uma calçada esburacada (mas isso é tema para outra crônica) e quebrei o tornozelo, nutro uma relação de dependência e ódio com as minhas muletas.

Desde aquela fatídica queda, palavras como robofoot, fíbula, ligamento, atrofia e outras passaram a fazer parte do

meu vocabulário diário. E aqui, permitam-me cair em um clichê: a gente só dá realmente valor a algo quando o perde. Eu, uma pessoa super ativa, de repente, me vi obrigada a desacelerar para esperar a colagem do meu osso. Mais que isso: lidar com a ansiedade e treinar resiliência e paciência. Às vezes, é preciso ouvir os sinais de que o corpo precisa de uma pausa e que você não tem outra opção a não ser dar um tempo.

Coincidentemente, duas outras pessoas do meu convívio também estão com o pé imobilizado — dizem os psicólogos que o cérebro busca sempre criar relações entre eventos aleatórios, mas às vezes não tem como evitar a impressão de que o universo está de trauqui-

nagem com a gente, não é mesmo? Teorias à parte, eu e minhas colegas de infortúnio ortopédico passamos a trocar figurinhas sobre tratamento, dores e angústias quase diariamente. Nosso bom dia começa com: senti dor à noite? O pé está menos inchado? Quando vai poder voltar a pisar? E sempre terminamos a conversa com "é preciso ter paciência".

Agora, estou na última etapa do tratamento e talvez a mais importante: chegou a hora da fisioterapia para retomar os movimentos e recuperar ligamentos e juntas prejudicados pela imobilização que deixou músculos atrofiados. As sessões diárias têm sido uma experiência à parte — um pouco torturante, por conta das dores, mas tenho curtido as companhias que en-

contrei durante o tratamento.

Ver a evolução das pessoas e a vibração de todos quando alguém consegue fazer um movimento que para muitos pode parecer bobo é gratificante. Pequenas doses de empatia. No meu segundo dia de fisioterapia, conheci uma moça que tinha caído e quebrado o mesmo osso que eu, e vê-la andando, desenvolta — devagarinho, mas desenvolta —, me deu uma injeção de ânimo. Pequenos aprendizados de esperança.

Aos poucos, tenho conseguido dar alguns passos sem as muletas. Sonho com o dia em que vou seguir o exemplo daquele senhor do consultório médico e largá-las para trás. Doarei para alguém que precise. E segue a caminhada.

MEIO AMBIENTE / Capitaneado pelo professor da Universidade de Brasília (UnB) Carlos Henke, Projeto Prometeu avalia as consequências da poluição causadas pelas queimadas e a necessidade de mais rigor na proteção ambiental

Pesquisa acadêmica alerta para riscos

» RICARDO DAEHN

A olho nu e na garganta não houve quem não sentisse o impacto do incêndio que massacrrou o Parque Nacional de Brasília, nesta semana. Detido em dados físicos, o professor da Universidade de Brasília (UnB) Carlos Henke (do Departamento de Ecologia) foi a campo, tão logo dos primeiros efeitos do agravamento da respiração para os brasilienses. O intuito foi abastecer de dados o Projeto Prometeu, e, na observância da relação entre incêndios florestais e poluição urbana, o pesquisador teve por meta alertar sobre a "ponta do iceberg" na condição alarmante atual e a necessidade da valorização dos órgãos ambientais, capacitados a antever padrões de clima urbano. Preocupante, mas não alarmista, foi parte do resultado: índice para a aferição de poluição estimado a gravitar até 40 microgramas por metro cúbico de material particulado fino, a pontuação teve picos de elevação para mais de 900 no DF. Mesmo seis dias depois do incêndio, há reflexos com índice que chega a 164.

"A fumaça das queimadas é

muito nociva. O material particulado pode trazer em si muitas coisas, desde vírus, poeiras, argila, fuligem. Há possibilidade de chegar aos alvéolos pulmonares e até atingir cérebro ou tecidos cardíacos. Crianças com asma sofreram, os valores tornaram agudos efeitos em pessoas com comorbidades", exemplifica Carlos Henke. A exposição por curto período, ao cenário desolador da capital, amenizou a situação, pelo que pontua o professor.

Cancelamento de aulas, desperdício de alimentos no comércio (dada a restrição de consumidores) e exposição de bombeiros (na esfera civil) com inexistência de insalubridade são elencados, para além dos impactos na biodiversidade. Distante do modelo do sistema Purple Air (fixo), implementado em escola pública da 115 Norte, as aferições da equipe de Henke aderiram à circulação, com uso da sonda meteorológica Obá por circuito da cidade — contemplando UnB, trecho da EPIA, Eixo Monumental e trechos da W3. Foi a primeira do Projeto Prometeu nesta escala.

Impacto regional

Os índices do experimento tratam de uma exceção em cena atí-

Ed Alves/CB/DA.Press



Incêndio no Parque Nacional de Brasília ainda reverbera prejuízos ecológicos e danos à população do DF

Água Mineral interdita

Ed Alves/CB/DA.Press



Com poucas datas de fechamento ao longo de um ano normal, o Parque Nacional de Brasília já amarga quase uma semana de interrupção no funcionamento. Parque urbano em que, habitualmente, se constata o equilíbrio da natureza, o local está com atividades paralisadas dada a intensidade do incêndio no último domingo. Por enquanto não há previsão para a retomada do acesso às duas piscinas — a chamada Pedreira, formada pelo despontar do lençol freático e das minas d'água, além da piscina nova, que fica disponível sempre às quintas-feiras. Pelas redes sociais, é possível acompanhar a situação atual que trava ainda o acesso às trilhas, em que os visitantes têm a visão da variedade da fauna e da vegetação que encampa, entre outros, a mata pantanosa, vereda, cerradão, campo rupestre e mata seca.

pica da degradação da qualidade do ar. Um sinal preocupante está no fato de o quadro pintado não

estar exclusivamente associado à situação no DF — complicações de focos de outras áreas do país

Arquivo Pessoal



Professor e ecólogo Carlos Henke conduz Projeto Prometeu

afetaram os dados (e seguem impactando). "Não se trata de uma situação pontual, estende-se para o regional. É uma circunstância que não pode ser ignorada, para que o pior não venha a ocorrer", explica o ecólogo.

Junto com as medidas de material particulado fino, a pesquisa também traçou o comportamento dos valores de monóxido de carbono (gás capaz de ocasionar mortes). Brasília chegou a registrar praticamente a décima

parte de situações dadas para serem intoleráveis. "Dá para se ficar esperto: houve índices de 10 partes por milhão. Numa atmosfera dada como ideal, a quantidade é de 0,5 ppm. O aceitável em um padrão urbano é de 2 ppms. A 9 ppms, a Organização Mundial da Saúde orienta que um cidadão fique exposto, ao máximo, em oito horas", observa Carlos Henke. A exposição circunstancial bateu a casa das duas horas e meia, no índice 10 ppms.

Luz amarela

Ligar a luz amarela veio como efeito para o pesquisador, atento ainda a níveis de saúde social e mental, não apenas atido à questão física. "Não gosto de investir, nunca, numa perspectiva de futuro distópico. Grosso modo, as pessoas que estavam em altitudes mais baixas (houve variações de 180 metros, no levantamento) sofreram mais (como caso das imediações do lago Paranoá). Críticas situações futuras ainda virão derivadas do incêndio florestal. As cinzas terão impacto nos rios, quando vierem escoadas pelas chuvas", avalia. Numa jornada de 16 minutos, pela internet, é possível acompanhar resultados da jornada de Henke, que coletou dados na terça passada (17/9), em duas voltas pelo circuito citado.

Em uma hora, entre as curiosidades, ele levanta a redução na carga de poluentes (mais perceptíveis ao fim do dia e especialmente à noite). Num dado momento do vídeo (sob produção da Fundação de Apoio à Pesquisa do DF e do CNPq), o professor atenta para a ação nociva do fogo subterrâneo no Ribeirão do Bananal — que demandou "hercúleo" trabalho dos bombeiros, destacados para cavar trincheiras a fim da contenção das chamas. A presteza na ação dos bombeiros, que controlaram a situação em três dias, é exaltada pelo pesquisador, num comparativo com chamas que se arrastam por semanas no Brasil.

A acidez das primeiras chuvas

» ARTHUR DE SOUZA

O Distrito Federal passa pela segunda maior seca da história e está com o número de queimadas, até a última quinta-feira, 7,8% maior do que em todo o ano passado. Com mais de 150 dias de estiagem, há expectativa de chuvas para o fim deste mês, mas o cenário se torna ideal para que as precipitações iniciais fiquem mais ácidas do que o normal, de acordo com especialistas ouvidos pelo Correio.

Segundo o professor do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília (UnB) Roberto Ventura, isso ocorre por causa da interação da água de chuva com o CO₂ (gás carbônico) presente na atmosfera. "Durante períodos de seca prolongada e, principalmente, com as intensas queimadas, como é o caso atual do DF, outros componentes, além do CO₂, acabam estando presentes na atmosfera, o que pode afetar ainda mais o pH, tornando-o ainda mais ácido", explica.

Ventura faz a ressalva que, apesar de o DF ter uma atmosfera relativamente limpa, ou seja, com

poucos poluentes industriais, estamos em um ano com muitas queimadas e, conseqüentemente, com muitos materiais particulados sendo transferidos para a atmosfera. "Junto com essa queima, a gente acaba tendo também componentes, como sulfatos e nitratos, que também promovem a acidez na água da chuva", comenta.

O aumento dessa acidez pode trazer conseqüências para o meio ambiente, de forma geral. Porém, de acordo com o doutor em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília (UnB) Christian Della Giustina, no caso do DF, essas chuvas não devem trazer impactos de qualidade na fauna, na flora e nos recursos hídricos. "Vai ser algo insignificante. Talvez para fachadas de prédios ou tumbas de cemitério possa causar algum tipo de corrosão ou oxidação", avalia.

O ambientalista afirma que, em tese, peixes mais sensíveis podem morrer por causa de qualquer alteração no pH da água. "Só que, para isso ocorrer, teria que ser algo muito significativo, pois essas primeiras chuvas

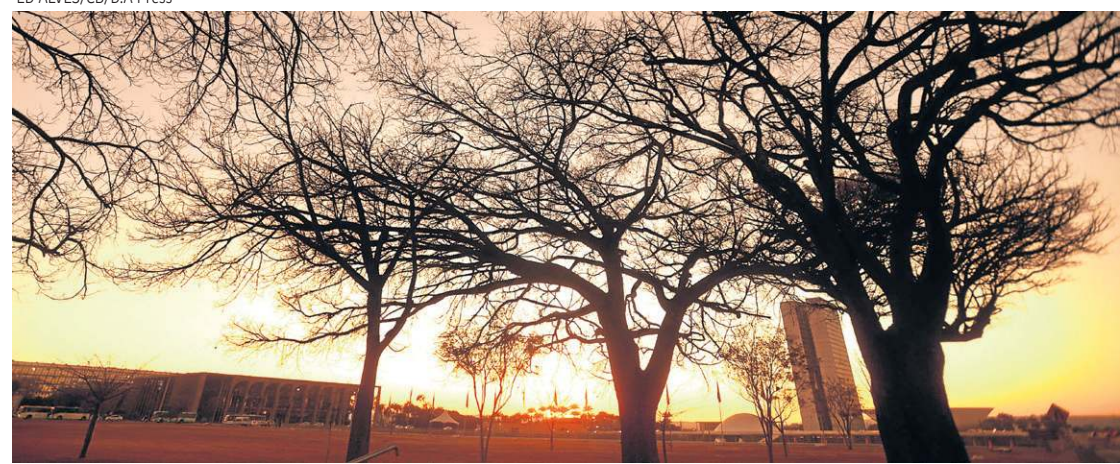
vão cair sobre as encostas, escorrer pela vegetação, o que acaba filtrando a água e deixando ela em uma condição mais normal, ao chegar nos corpos hídricos", esclarece Della Giustina.

Fuligens na atmosfera

Outro fenômeno relacionado à presença de partículas na atmosfera é a chuva preta — que ocorreu no Rio Grande do Sul na última quarta-feira. O professor Roberto Ventura explica que, para que isso aconteça, é preciso que pequenas fuligens estejam na atmosfera. De acordo com o especialista, com a condição atual, a chance de que uma chuva preta ocorra no DF é baixa.

"Em 25 de agosto, a atmosfera de Brasília estava extremamente carregada de partículas e, certamente, se tivéssemos um evento de chuva naquele momento, poderia acontecer (uma chuva preta)", destaca. "Hoje, olhando para o céu do DF, a visibilidade está bastante razoável, por isso, as chances de ocorrer chuva preta por aqui são baixas", observa Ventura.

ED ALVES/CB/DA.Press



A primeira seca extrema foi no ano de 1963, quando Brasília passou 163 dias sem precipitações

O especialista ressalta que o ar se movimentando, por isso, uma área que está com a atmosfera muito carregada de partículas, amanhã, pode estar mais limpa. "Então, tudo vai depender das condições climáticas da atmosfera quando as primeiras chuvas chegarem no DF", comenta o professor da UnB.

Monitoramento

Christian Della Giustina convida a falar de Ventura, acrescentando que esse fenômeno tem a capacidade de interagir com o solo, plantas, carros e edifícios,

"escurecendo" onde cair. "É importante que se monitore, para entender exatamente os efeitos dessa chuva mais escura nos ecossistemas. Vai depender muito da intensidade de partículas na atmosfera no momento das primeiras precipitações", afirma.

Roberto Ventura observa que estamos diante de um nível de seca e queimadas que vimos poucas vezes na história do DF. "Por isso, acredito que seria muito importante, além de um monitoramento de parâmetros do pH das chuvas, a avaliação de sua composição química

e isotópica", opina o especialista.

A reportagem questionou o Instituto Brasília Ambiental (Ibram) sobre as sugestões impostas pelos especialistas. Em nota, o Ibram respondeu que, atualmente, não faz nenhuma análise sobre a qualidade química da chuva. "O instituto acompanha os dados meteorológicos, mas não tem nenhum projeto sobre o tema em desenvolvimento", pontua.

LEIA MAIS SOBRE MEIO AMBIENTE NA PÁGINA 18